



ALFAGUARA



Título original: La Vérité Sur L'Affaire Harry Quebert
Editions de Fallois/L'Age d'Homme, 2012

© desta edição:
2013, Santillana Editores, S. A.

Editora Objectiva
Estrada da Outurela, 118
2794 -084 Carnaxide
Tel.: 214 246 905
correio@objectiva.pt
www.objectiva.pt

Tradução: Isabel St. Aubyn
Revisão: Cristina Correia, Eurídice Gomes
e Manuel Eugénio Fernandes
Paginação: Helder Alves e Patrícia Boleto
Tratamento de imagem: Paulo Oliveira e Sérgio Pires
Capa: Sérgio Pires
Imagem da capa © Gregory Crewdson
gentilmente cedida por Gagosian Gallery



PRISA EDIÇÕES

Se desejar receber informações sobre a nossa actividade editorial, deixe o seu email em www.objectiva.pt

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

A Editora Objectiva é a divisão literária do Grupo Santillana em Portugal. Alfaguara, Suma de Letras, Objectiva e Alfaguara Infantil & Juvenil são marcas registadas da Editora Objectiva.

ALFAGUARA



Joël Dicker

A Verdade
sobre o Caso
Harry Quebert



O DIA DO DESAPARECIMENTO

(Sábado, 30 de Agosto de 1975)

— Central da polícia, em que posso ajudar?

— Está? O meu nome é Deborah Cooper, moro em Side Creek Lane. Creio que acabo de ver uma jovem a ser perseguida por um homem na floresta.

— Que se passou exactamente?

— Não sei! Eu estava à janela, olhava na direcção da floresta e então vi a jovem correr entre as árvores... Ia um homem atrás dela... Julgo que ela tentava escapar-lhe.

— Onde se encontram eles neste momento?

— Eu... Eu não consigo vê-los. Estão na floresta.

— Vou enviar imediatamente uma patrulha, minha senhora.

Foi com este telefonema que começou o caso que abalou a cidade de Aurora, no New Hampshire. Nesse dia, Nola Kellergan, quinze anos, uma jovem da região, desapareceu. Nunca mais se descobriu o seu rasto.



Prólogo

OUTUBRO DE 2008

(33 anos após o desaparecimento)





Toda a gente falava do livro. Nas ruas de Nova Iorque, eu não podia deambular em paz, não podia fazer *jogging* nas alamedas do Central Park sem me cruzar com transeuntes que me reconheciam e exclamavam: «Oh, é Goldman! É o escritor!» Por vezes acontecia alguns tentarem correr para me acompanharem e fazerem as perguntas que os intrigavam: «O que diz no seu livro é verdade? Harry Quebert procedeu realmente assim?» No café de West Village que eu frequentava, certos clientes não hesitavam em sentar-se à minha mesa para falar comigo: «Estou a ler o seu livro, Sr. Goldman: não consigo parar! O primeiro já era bom, mas este então! Pagaram-lhe mesmo um milhão de dólares para o escrever? Que idade tem? Só trinta anos? Trinta anos! E já amealhou tanto dinheiro!» Até o meu porteiro, que eu via avançar na leitura do livro sempre que eu entrava no prédio, acabara por me deter demoradamente em frente do elevador, depois de terminada a leitura, para me confiar o que lhe ia no coração: «Então, foi mesmo isto que se passou com Nola Kellergan? Que horror! Mas como se chega àquele ponto? Hem, Sr. Goldman, como é possível?»

Toda a cidade de Nova Iorque se apaixonava pelo meu livro; fora publicado há duas semanas e já prometia ser o livro mais vendido do ano no continente americano. Toda a gente queria saber o que acontecera em Aurora em 1975. Falava-se dele em todo o lado: na televisão, na rádio, nos jornais. Eu tinha apenas trinta anos e com este livro, que era simplesmente o segundo da minha carreira, tornara-me o escritor mais famoso do país.

O caso que agitava a América, e ao qual fora beber o essencial da minha narrativa, eclodira alguns meses antes, no início do Verão,



quando foram encontrados os restos mortais de uma jovem desaparecida trinta e três anos antes. Foi assim que teve início a série de acontecimentos que aqui serão relatados, e sem os quais a pequena cidade de Aurora teria certamente continuado a ser desconhecida no resto da América.

Primeira Parte

A DOENÇA DOS ESCRITORES

(8 meses antes da publicação do livro)



31.

Nos abismos da memória

— O primeiro capítulo, Marcus, é essencial. Se os leitores não gostarem, não lerão o resto do livro. Como tenciona começar o seu?

— Não sei, Harry. Pensa que algum dia conseguirei?

— Conseguirá o quê?

— Escrever um livro.

— Tenho a certeza.



(...)

Na noite que se seguiu à advertência de Douglas, peguei no telefone e marquei o número da única pessoa que achei que poderia tirar-me do mau caminho: Harry Quebert, meu antigo professor na universidade e, sobretudo, um dos autores mais lidos e mais respeitados da América, com quem tinha uma relação muito próxima há uma dezena de anos, desde que fora seu aluno na universidade de Burrows, no Massachusetts.

Naquele momento, fazia mais de um ano que não o via e há quase o mesmo tempo que não lhe telefonava. Liguei para casa dele, em Aurora, no New Hampshire. Ao ouvir a minha voz, disse-me num tom trocista:

— Oh, Marcus! É mesmo consigo que estou a falar? Incrível. Desde que se tornou uma vedeta, nunca mais deu notícias. Tentei telefonar-lhe há um mês e respondeu-me a sua secretária, que me disse que não estava para ninguém.

Respondi-lhe sem rodeios:

— Está tudo a correr mal, Harry. Creio que já não sou escritor.

Ele respondeu logo, com um tom sério:

— Que história é essa, Marcus?

— Não sei que escrever, estou acabado. Página em branco. Há meses. Talvez um ano.

Ele soltou uma gargalhada tranquilizadora e calorosa.

— Bloqueio mental, Marcus, é o que é! As páginas em branco são tão estúpidas como as falhas sexuais devido ao fraco desempenho: é o pânico do génio, aquilo que deixa o seu pénis completamente mole quando se prepara para brincar aos médicos com uma das suas admiradoras e só pensa em proporcionar-lhe um orgasmo de tal ordem que seja mensurável pela escala de Richter. Não se preocupe com o génio, limite-se a juntar palavras. O génio vem naturalmente.

— Acha que sim?

— Tenho a certeza. Mas devia abandonar um pouco as festas mundanas e os canapés. Escrever é uma coisa séria. Julguei que tinha inculcado esta ideia dentro de si.

— Mas eu trabalho arduamente! Não faço outra coisa! E, apesar disso, não saio do mesmo sítio.

— Então, é porque lhe falta um ambiente propício. Nova Iorque é muito bonita mas é, sobretudo, muito ruidosa. Porque não vem até cá, a minha casa, como no tempo em que era estudante?

(...)

A 10 de Fevereiro de 2008, parti de Nova Iorque, no auge da minha crise da página em branco. O país, esse, já fervilhava com a proximidade das eleições presidenciais: alguns dias antes, a Super Tuesday (que, a título excepcional, se realizara no mês de Fevereiro e não em Março, prova de que o ano seria fora do comum) oferecera o título republicano ao senador McCain, enquanto nos democratas a batalha entre Hilary Clinton e Barack Obama continuava acesa. Fiz o trajecto de automóvel até Aurora de uma só vez. Nevara muito no Inverno e as paisagens que desfilavam à minha volta estavam cobertas de branco. Eu gostava do New Hampshire: apreciava a tranquilidade, apreciava as imensas florestas, apreciava os lagos cheios de nenúfares onde se podia tomar banho no Verão e patinar no Inverno, apreciava o facto de ali não se pagarem taxas nem impostos sobre os rendimentos. Naquele Estado libertário, a divisa *VIVER LIVRE OU MORRER*, cunhada nas placas de matrícula dos automóveis que me ultrapassavam na auto-estrada, resumia bem o forte sentimento de liberdade que me impressionara em cada uma das minhas estadias em Aurora. Lembro-me, de resto, de ter experimentado logo, ao chegar a casa de Harry nesse dia, a meio de uma tarde tão fria quanto enevoada, uma sensação de apaziguamento interior. O professor esperava-me ao cimo das escadas da entrada, agasalhado num enorme

casaco de Inverno. Desci do automóvel, ele veio ao meu encontro, pousou as mãos nos meus ombros e brindou-me com um largo sorriso reconfortante.

— Que se passa, Marcus?

— Não sei, Harry...

— Então, então. Sempre foi um jovem demasiado sensível.

Ainda antes de arrumar a bagagem, instalámo-nos na sala para conversar um pouco. Serviu-nos café. Na lareira, o fogo crepitava; estava-se bem dentro de casa, observando, através da imensa parede envidraçada, o oceano atormentado pelos ventos gelados e a neve húmida que caía nos rochedos.

— Já não me lembrava de que isto aqui era tão bonito — murmurei.

(...)

Apesar dos conselhos que Harry tentava dar-me, fiquei deslumbrado por esta ideia: como é que ele, na minha idade, tivera a ideia, o momento de génio, que lhe permitira escrever *As Origens do Mal*? Esta interrogação obcecava-me cada vez mais, e, como Harry me instalara no seu escritório, permiti-me investigar um pouco. Estava longe de imaginar o que ia descobrir. Tudo começou quando abri uma gaveta à procura de uma caneta e deparei com um caderno manuscrito e algumas folhas soltas: originais de Harry. Senti uma grande excitação: encontrava-me perante a ocasião inesperada de compreender como Harry trabalhava, de saber se os seus cadernos estavam cobertos de rasuras ou se o génio surgia naturalmente dentro dele. Insaciável, comecei a explorar a estante em busca de outros cadernos. Para ficar com o campo livre, precisava de esperar que Harry se ausentasse de casa; ora, acontecia que a quinta-feira era o dia em que ele dava aulas em Burrows, saindo de manhã cedo e só regressando, em geral, ao fim do dia. Foi assim que, na tarde do dia 6 de Março de 2008, quinta-feira, se deu um acontecimento que decidi

esquecer de imediato: descobri que Harry mantivera uma ligação com uma jovem de quinze anos, quando ele próprio tinha trinta e quatro. Acontecera por volta de 1975.

Descobri o segredo quando, esquadrinhando freneticamente e sem pudor as prateleiras do seu escritório, encontrei, escondida atrás dos livros, uma grande caixa de madeira lacada, fechada por uma tampa com dobradiças. Pressenti ter encontrado um tesouro, porventura o manuscrito de *As Origens do Mal*. Peguei na caixa e abri-a, mas, para meu grande embaraço, não havia qualquer manuscrito no interior: apenas uma série de fotografias e artigos de jornais. As fotografias representavam Harry na juventude, trinta magníficos anos, elegante, altivo, e, ao seu lado, uma jovem. Quatro ou cinco fotografias, e ela estava presente em todas. Numa delas, via-se Harry numa praia, tronco nu, bronzado e musculado, estreitando contra o corpo a jovem sorridente, de óculos escuros presos no cabelo louro e comprido para o manter no lugar e que o beijava na face. No verso da fotografia, uma anotação: *Eu e Nola, Martha's Vineyard, fim de Julho de 1975*. Naquele momento, embevecido pela descoberta, não me apercebi de que Harry regressara muito mais cedo da universidade: não ouvi o rangido dos pneus do *Corvette* na gravilha do caminho para Goose Cove, nem o som da sua voz quando entrou em casa. Não ouvi nada porque, na caixa, junto das fotografias, encontrei uma carta, sem data. Uma caligrafia infantil num belíssimo papel, que dizia:

Não se preocupe, Harry, não se preocupe comigo, conseguirei encontrá-lo. Espere por mim no quarto n.º 8, gosto deste algarismo, é o meu preferido. Espere-me nesse quarto às 19 horas. Em seguida, partiremos para sempre.

*Amo-o tanto.
Com muita ternura*

Nola

Quem seria então esta Nola? Com o coração aos pulos, comecei a percorrer os recortes dos jornais: todos os artigos mencionavam o desaparecimento de uma certa Nola Kellergan, numa noite de Agosto de 1975; e a Nola das fotos dos jornais correspondia à Nola das fotografias de Harry. Foi nesse momento que Harry entrou no escritório, segurando nas mãos um tabuleiro com chávenas de café e um prato com biscoitos, que largou quando, empurrando a porta com o pé, deparou comigo sentado no tapete com o conteúdo da caixa secreta espalhado à minha frente.

— Mas... que está a fazer? — exclamou ele. — Está... Está a bisbilhotar, Marcus? Convido-o para minha casa e remexe nas minhas coisas? Mas que espécie de amigo é você?

Balbuciei explicações atabalhoadas:

— Foi sem querer, Harry. Encontrei esta caixa por acaso. Não devia tê-la aberto... Lamento muito.

— Com certeza que não devia! Com que direito? Com que direito, meu Deus?

Arrancou-me as fotografias das mãos, pegou à pressa nos artigos e guardou tudo misturado na caixa, que levou para o quarto, onde se fechou. Nunca o vira assim. Não sabia dizer se se tratava de pânico ou de raiva. Através da porta, desfiz-me em desculpas, explicando-lhe que não quisera melindrá-lo, que encontrara a caixa por acaso, mas isso não surtiu efeito algum. Só saiu do quarto duas horas mais tarde e desceu directamente para a sala, onde bebeu vários copos de uísque. Quando me pareceu um pouco mais calmo, aproximei-me dele.

— Harry... Quem é aquela jovem? — perguntei eu com delicadeza.

Harry baixou os olhos.

— Nola.

— Quem é a Nola?

— Não me pergunte quem é a Nola. Por favor.

— Harry, quem é a Nola? — repeti eu.

Ele moveu a cabeça de um lado para o outro.

— Amei-a, Marcus. Amei-a muito.

— Mas porque nunca me falou dela?

— É complicado...

— Para os amigos, nada é complicado.

Harry encolheu os ombros.

— Já que encontrou as fotografias, é preferível contar-lhe...

Em 1975, ao chegar a Aurora, apaixonei-me por aquela rapariga, que tinha apenas quinze anos. Chamava-se Nola e foi a mulher da minha vida.

Seguiu-se um breve silêncio, findo o qual perguntei, intrigado:

— Que aconteceu a Nola?

— Uma história sórdida, Marcus. Desapareceu. Uma noite, no final de Agosto de 1975, desapareceu, depois de uma habitante dos arre-
dores a ter visto fugir ensanguentada. Se abriu a caixa, viu com certeza
os artigos. Nunca a encontraram, ninguém sabe o que lhe aconteceu.

— Que horror — murmurei eu.

Ele abanou a cabeça demoradamente.

— Sabe — disse ele —, a Nola tinha mudado a minha vida. E
pouco me teria importado tornar-me o grande Harry Quebert, o enorme
escritor. Pouco me importariam a glória, o dinheiro e o meu grande
destino se tivesse podido conservar a Nola. Nada do que fiz depois dela
conferiu tanto sentido à minha vida como o Verão que passei com ela.

Era a primeira vez, desde que o conhecia, que via Harry tão
abalado. Depois de me ter encarado durante alguns momentos, acres-
centou:

— Marcus, nunca ninguém tomou conhecimento desta histó-
ria. Agora, passa a ser a única pessoa a saber. E tem de guardar segredo.

— É claro que sim.

— Prometa!

— Prometo, Harry. Será o nosso segredo.

— Se alguém em Aurora souber que vivi uma história de amor com a Nola Kellergan, poderá ser um descalbro para mim...

— Pode confiar em mim, Harry.

Foi tudo o que soube sobre Nola Kellergan. Não voltámos a falar dela, nem da caixa, e decidi enterrar para sempre este episódio nos abismos da minha memória, longe de imaginar que, em virtude de um conjunto de circunstâncias, o espectro de Nola surgiria de novo nas nossas vidas alguns meses mais tarde.

(...)



30.

O Formidável

— O segundo capítulo é muito importante, Marcus. Deve ser incisivo, determinante.

— Como por exemplo, Harry?

— Como no boxe. Você é destro, mas, em posição de guarda, avança sempre o punho esquerdo: o primeiro directo atinge o adversário, seguido de um poderoso encadeamento do direito, que o aniquila. Assim deveria ser o seu Capítulo 2: um golpe nos queixos dos leitores.



Aconteceu numa quinta-feira, 12 de Junho de 2008. Passara a manhã em casa, a ler na sala. Lá fora, estava calor mas chovia: há três dias que Nova Iorque era regada por uma chuvinha morna. Por volta das treze horas, recebi um telefonema. Atendi, mas pareceu-me que não havia ninguém do outro lado da linha. Depois, distingui um soluço abafado.

— Está lá? Está lá? Quem fala? — perguntei eu.

— Ela... ela está morta.

A voz era quase inaudível, mas reconheci-a imediatamente.

— Harry? Harry, é você?

— Ela está morta, Marcus.

— Morta? Quem é que está morta?

— A Nola.

— O quê? Como assim?

— Está morta, e a culpa foi toda minha. Marcus... Que fiz eu?

Meu Deus, que fiz eu?

Harry chorava.

— Harry, de que está a falar? Que está a tentar dizer-me?

Ele desligou. Liguei de imediato para casa dele. Nenhuma resposta. Para o telemóvel. Sem sucesso. Voltei a tentar repetidas vezes, deixando várias mensagens no gravador. Mas nenhuma outra notícia. Estava muito preocupado. Ignorava, naquele momento, que Harry me telefonara do quartel-general da polícia estadual, em Concord. Não compreendi nada do que estava a acontecer até Douglas me telefonar, por volta das dezasseis horas.

— Marc, meu Deus, já sabes? — gritou ele.

— Sei o quê?

— Meu Deus, liga a televisão! É sobre o Harry Quebert! Foi o Quebert!

— O Quebert? Quebert o quê?

— Liga a televisão, meu Deus!

Escolhi logo um canal informativo. No ecrã, vi, estupefacto, imagens da casa de Goose Cove e ouvi o apresentador explicar: *Foi aqui, na sua casa de Aurora, no New Hampshire, que o escritor Harry Quebert foi preso hoje, depois de a polícia ter desenterrado restos humanos na sua propriedade. De acordo com os primeiros elementos da investigação, poderá tratar-se do corpo de Nola Kellergan, uma jovem da região desaparecida do seu domicílio em Agosto de 1975, aos quinze anos de idade, sem que alguma vez se tivesse sabido o que lhe aconteceu...* De repente, tudo começou a girar à minha volta; deixei-me cair sobre o sofá, completamente atordoado. Não ouvia nada: nem a televisão, nem Douglas, do outro lado da linha, que continuava a vociferar: «Marcus? Ouves-me? Estás aí? Ele matou uma rapariga? Ele matou uma rapariga?» Na minha cabeça misturava-se tudo, como num pesadelo.

Foi assim que fiquei a saber, ao mesmo tempo que toda a América incrédula, o que acontecera algumas horas antes: de manhã cedo, uma empresa de jardinagem apresentara-se na casa de Goose Cove a pedido de Harry, a fim de plantar hortênsias nos canteiros perto de casa. Ao revolver a terra, os jardineiros encontraram ossadas humanas a um metro de profundidade e avisaram logo a polícia. Não tardaram a descobrir um esqueleto inteiro, e Harry foi preso.

Na televisão, sucedia-se tudo muito depressa. Alternavam os directos entre Aurora, no local do crime, e Concord, a capital do New Hampshire, situada sessenta milhas a noroeste, onde Harry se encontrava agora detido, nas instalações da brigada criminal da polícia estadual. Equipas de jornalistas enviadas para o local já acompanhavam as investigações de perto. Aparentemente, um indício encontrado no corpo permitia pensar seriamente na hipótese de serem os restos mortais de Nola Kellergan; um responsável da polícia já dissera que, caso esta infor-

mação viesse a ser confirmada, nomearia igualmente Harry Quebert como suspeito da morte de uma certa Deborah Cooper, a última pessoa que vira Nola viva no dia 30 de Agosto de 1975 e que fora encontrada assassinada no mesmo dia, depois de ter chamado a polícia. Era absolutamente horrível. Os rumores cresciam de forma exponencial; as informações atravessavam o país em tempo real, transportadas pela televisão, pela rádio, pela internet e pelas redes sociais: Harry Quebert, sessenta e sete anos, um dos autores mais famosos da segunda metade do século, era o sórdido assassino de uma adolescente.

(...)

A queda de Harry ainda estava a começar. As imagens da audiência preliminar que se realizou no dia seguinte deram a volta ao país. Sob o olhar de dezenas de câmaras de televisão e das rajadas dos *flashes* dos fotógrafos, toda a gente o viu chegar à sala do tribunal, algemado e rodeado por polícias. Tinha um ar muito cansado: acabrunhado, mal barbeado, despenteado, camisa desabotoada, olhos inchados. Benjamin Roth, o seu advogado, acompanhava-o. Roth era um profissional afamado de Concord, que muitas vezes o aconselhara no passado e que eu conhecia vagamente por o ter encontrado algumas vezes em Goose Cove.

O milagre da televisão permitiu que a América inteira seguisse em directo a audiência em que Harry se declarou inocente dos crimes de que era acusado e em que o juiz determinou a sua detenção provisória na prisão estadual masculina do New Hampshire. Era apenas o início da tempestade: naquele instante, eu ainda tinha a ingénua esperança de um desfecho rápido, mas uma hora depois da audiência recebi um telefonema de Benjamin Roth.

— O Harry deu-me o seu número de telefone — disse-me ele.
— Insistiu para que lhe telefonasse, quer que saiba que está inocente e que não matou ninguém.

— Eu sei que está inocente! — respondi. — É essa a minha convicção. Como está ele?

— Mal, como pode imaginar. A polícia pressionou-o. Ele admitiu ter mantido uma relação com a Nola, no Verão anterior ao seu desaparecimento.

— Eu estava ao corrente do caso da Nola. Mas quanto ao resto?

Roth hesitou um segundo antes de responder:

— Ele nega. Mas...

Calou-se.

— *Mas* o quê? — perguntei eu, inquieto.

— Marcus, não lhe escondo que vai ser difícil. Eles têm argumentos de peso.

— O que é que entende por *peso*? Explique-se, por favor! Preciso de saber!

— Isto tem de ficar entre nós. Ninguém pode saber.

— Não direi nada. Pode confiar.

— Com os restos mortais da rapariga, os investigadores encontraram o manuscrito de *As Origens do Mal*.

— O quê?

— É como lhe digo: o manuscrito do desgraçado do livro estava enterrado com ela. O Harry está em muito maus lençóis.

— Ele explicou-se quanto a esse aspecto?

— Sim. Disse que escreveu o livro para ela. Que ela passava o tempo em casa dele, Goose Cove, e que de vez em quando levava para casa algumas folhas para ler. Contou que, poucos dias antes do seu desaparecimento, levava o manuscrito com ela.

— O quê? — exclamei eu. — O Harry escreveu o livro para ela?

— Sim. Em caso algum isto pode transparecer. Imagine o escândalo se os *media* soubessem que um dos livros mais vendidos na América nestes últimos cinquenta anos não é o simples relato de uma história de amor, como toda a gente pensa, mas o fruto de uma relação amorosa ilícita entre um tipo de trinta e quatro anos e uma rapariga de quinze...

— Acredita que o pode libertar sob caução?

— Sob caução? Você não compreendeu a gravidade da situação, Marcus: não há liberdade sob caução em casos de crime capital. O Harry arrisca-se a uma injeção letal. Dentro de dez dias, comparecerá perante o Grande Júri, que decidirá quanto ao prosseguimento das acusações e à instauração de um processo. Trata-se muitas vezes de uma formalidade, não há dúvida de que existirá um processo. Daqui a seis meses, talvez um ano.

— E entretanto?

— Continuará na prisão.

— Mas se estiver inocente?

— É a lei. Repito que a situação é muito grave. Acusam-no de ter assassinado duas pessoas.

Afundi-me no sofá. Precisava de falar com Harry.

— Diga-lhe que me telefone! — insisti eu junto de Roth. — É muito importante.

— Transmitir-lhe-ei a mensagem...

— Diga-lhe que preciso mesmo de falar com ele e que aguardo o telefonema dele!

Imediatamente a seguir ao telefonema, retirei da estante *As Origens do Mal*. Na primeira página, a dedicatória do Mestre:

Para Marcus, o meu mais brilhante aluno.

Com toda a amizade

H. L. Quebert, Maio de 1999

Voltei a mergulhar no livro, que já não abria há anos. Era uma história de amor, intercalando narrativa e passagens epistolares; a história de um homem e de uma mulher que se amavam sem, na verdade, terem o direito de se amar. Escrevera, portanto, o livro para a misteriosa jovem sobre a qual eu ainda nada sabia. Quando, a meio da noite, acabei de o reler, fixei-me demoradamente no título. E, pela primeira vez, interro-

guei-me sobre o seu significado: porquê *As Origens do Mal*? De que mal falava Harry?

Passaram-se três dias durante os quais as análises de ADN e as impressões dentárias confirmaram que o esqueleto descoberto em Goose Cove era, sem dúvida, o de Nola Kellergan. O exame aos ossos permitiu confirmar que se tratava de uma adolescente de cerca de quinze anos, o que indicava que Nola morreria mais ou menos no momento do seu desaparecimento. Mas, sobretudo, uma fractura na base do crânio permitia afirmar com toda a certeza, mesmo mais de trinta anos depois do acontecimento, que a vítima falecera em consequência de pelo menos uma agressão sofrida: Nola Kellergan fora espancada até à morte.

Eu não recebera ainda qualquer notícia de Harry. No entanto, tentei entrar em contacto com ele através da polícia estadual, da prisão e até de Roth, mas sem sucesso. Andava às voltas pelo meu apartamento, sentia-me perseguido por milhares de interrogações, intrigava-me o misterioso telefonema de Harry. No fim-de-semana, incapaz de me conter, achei que não me restava outra solução senão ir ver o que se passava no New Hampshire.

(...)

Todos os que se lembram de Nola dirão que era uma rapariga maravilhosa. Daquelas que marcam os espíritos. Delicada e atenciosa, dotada para tudo e radiosa. Parecia ter essa alegria de viver sem igual, capaz de iluminar os piores dias de chuva. Aos sábados, servia no Clark's; rodopiava entre as mesas, ligeira, fazendo dançar no ar o cabelo louro e ondulado. Tinha sempre uma palavra de simpatia para cada cliente. Só se olhava para ela. Nola era, só por si, um mundo.

Era filha única de David e Louisa Kellergan, evangelistas do Sul, originários de Jackson, Alabama, onde ela própria nascera a 12 de Abril de 1960. Os Kellergan tinham-se instalado em Aurora no Outono de 1969, depois de o pai ter sido contratado como pastor da paróquia de St James, a principal comunidade de Aurora, que, à época, conhecia uma afluência notável. O templo de St James, situado na entrada sul da cidade, era um imponente edifício de madeira do qual nada subsiste hoje em dia, desde que as comunidades de Aurora e Montburry tiveram de se fundir por razões de economia orçamental e devido à falta de fiéis. No seu lugar, existe agora um restaurante McDonald's. À chegada, os Kellergan foram habitar uma bonita casa, propriedade da paróquia, situada no n.º 245 da Terrasse Avenue, construída num único piso: talvez tenha sido saltando pela janela do quarto que, seis anos mais tarde, Nola se esfumou na natureza, no sábado, 30 de Agosto de 1975.

Estas descrições contam-se entre as primeiras que me fizeram os clientes habituais do Clark's, onde me dirigi no dia a seguir à minha chegada a Aurora. Levantara-me de madrugada, de forma espontânea, atormentado pela sensação desagradável de não estar absolutamente certo do que fazia ali. Depois de ter feito *jogging* na praia, dera de comer

às gaivotas e surgira-me então a questão de saber se realmente fizera a viagem ao New Hampshire só para dar pão às aves marinhas. Só tinha um encontro marcado em Concord, às onze horas, com Benjamin Roth, para ir visitar Harry; no intervalo, como não queria estar só, fora comer panquecas ao Clark's. Quando era estudante e passava temporadas em casa de Harry, este tinha o hábito de me acordar de madrugada, antes do alvorecer, abanando-me sem piedade e explicando-me que estava na hora de enfiar um fato-de-treino. Depois, descíamos até à beira-mar, para correr e praticar boxe. Harry estava um pouco mais fraco, mas fazia de treinador: interrompia o meu esforço para corrigir os meus gestos e as minhas posições, mas eu sei que ele precisava, sobretudo, de retomar o fôlego. Terminados os exercícios e os respectivos passos, percorríamos as escassas milhas de praia que ligavam Goose Cove a Aurora. Subíamos em seguida pelas rochas de Grand Beach e atravessávamos a cidade que ainda dormia. Na rua principal, mergulhada na escuridão, avistávamos ao longe a luz crua que brilhava na grande parede envidraçada do *diner*, o único estabelecimento que abria tão cedo. Lá dentro reinava uma calma absoluta; os raros clientes eram motoristas ou viajantes que tomavam o pequeno-almoço em silêncio. Em som de fundo, ouvia-se rádio, sempre ligado numa estação de informação e cujo volume, demasiado baixo, nos impedia de compreender tudo o que o locutor dizia. Nas manhãs de muito calor, a ventoinha do tecto rodava e produzia um rangido metálico, levantando poeira em volta dos candeeiros. Instalávamo-nos na mesa 17, e Jenny aparecia imediatamente para nos servir café. Dirigia-me sempre um sorriso de uma doçura quase maternal. Dizia-me: «Meu pobre Marcus, ele obriga-te a levantar de madrugada, é? É assim desde que o conheço.» E ríamo-nos.

Mas naquele 17 de Junho de 2008, apesar da hora madrugadora, o Clark's já se debatia com uma grande agitação. Ninguém falava senão do caso e, quando entrei, os clientes que eu conhecia rodearam-me para me perguntar *se era verdade*, se Harry tivera uma relação com Nola

e se a matara, a ela e a Deborah Cooper. Esquivei-me às perguntas e sentei-me à mesa 17, que estava livre. Descobri então que a placa de homenagem a Harry fora retirada: no seu lugar, apenas os dois orifícios dos parafusos na madeira e a marca do metal que descolorara o verniz.

Jenny serviu-me café e cumprimentou-me com delicadeza. Tinha um ar triste.

— Vieste instalar-te em casa do Harry? — perguntou-me ela.

— Acho que sim. Retiraste a placa?

— Sim.

— Porquê?

— Ele escreveu o livro para aquela miúda, Marcus. Uma miúda de quinze anos. Não podia deixar ali a placa. É um amor repugnante.

— Penso que é mais complicado do que isso — disse eu.

— E eu penso que não devias intrometer-te no caso, Marcus.

Devias regressar a Nova Iorque e manter-te longe de tudo isto.

Pedi panquecas e salsichas. Um exemplar manchado de gordura do *Aurora Star* ficara abandonado em cima da mesa. Na primeira página, via-se uma grande fotografia de Harry, do tempo em que era ativo, com aquele ar respeitável e o olhar profundo e seguro de si. Mesmo por baixo, uma imagem da sua entrada na sala de audiências do palácio de justiça de Concord, algemado, caído, cabelo despenteado, traços crispados, semblante desfeito. Em medalhão, um retrato de Nola e um de Deborah Cooper. E este título: *O QUE FEZ HARRY QUEBERT?*

(...)

Pouco depois, Travis Dawn, o chefe da polícia de Aurora e, além disso, marido de Jenny, instalou-se também à mesa. Fazia parte das pessoas que eu sempre conhecera em Aurora: era um homem de temperamento afável, sessenta grisalhos anos, o género de polícia de província bonacheirão que há muito não assustava ninguém.

— Lamento muito, rapaz — disse-me ele, cumprimentando-me.

— Lamentas o quê?

— O facto de esta história te explodir em cheio na cara. Sei que és muito próximo do Harry. Não deve ser fácil para ti.

Travis era a primeira pessoa que se preocupava com o que eu podia estar a sentir. Abanei a cabeça e perguntei:

— Há tanto tempo que aqui venho, porque é que nunca ouvi falar em Nola Kellergan?

— Porque, até o seu corpo ser encontrado em Goose Cove, era uma história antiga. O género de história que ninguém gosta de recordar.

— Travis, o que se passou naquele 30 de Agosto de 1975? E que aconteceu a essa tal Deborah Cooper?

— Uma história suja, Marcus. Muito suja. Que vivi em primeiro plano por estar de serviço nesse dia. Naquele tempo, era um simples agente. Fui eu que recebi o telefonema da central... A Deborah Cooper era uma velhota simpática que, desde a morte do marido, vivia sozinha numa casa isolada na orla da floresta de Side Creek. Estás a ver onde fica Side Creek. É aí que começa a imensa floresta, duas milhas para lá de Goose Cove. Lembro-me muito bem da velha Sr.^a Cooper: naquele tempo, ainda não estava há muito tempo na polícia, mas ela telefonava com uma certa regularidade. Sobretudo de noite, para dar conta de barulhos suspeitos à volta da casa. Tinha medo, sozinha naquela grande casa na orla da floresta, e precisava de alguém que a tranquilizasse de vez em quando. Pedia sempre desculpa pelo incómodo e oferecia biscoitos e café aos agentes que se deslocavam a casa dela. E no dia seguinte ia à esquadra oferecer-nos um pequeno presente. Enfim, era uma velhinha simpática. O género de pessoa a quem se presta um serviço de boa vontade. Resumindo, a 30 de Agosto de 1975, a Sr.^a Cooper marca o número de emergência da polícia e explica que viu uma rapariga ser perseguida por um homem, na floresta. Eu era o único agente de patrulha em Aurora e

dirigi-me imediatamente para casa dela. Era a primeira vez que ela telefonava em pleno dia. Quando cheguei, encontrei-a à espera em frente da casa. Disse-me: «Travis, vai pensar que estou louca, mas vi mesmo uma coisa estranha.» Fui inspeccionar a orla da floresta, onde ela vira a rapariga: encontrei um pedaço de tecido vermelho. Pensei que, de facto, o caso devia ser levado a sério e preveni o chefe Pratt, à época chefe da polícia de Aurora. Estava de folga, mas compareceu de imediato. A floresta é imensa, dois não éramos de mais para dar uma vista de olhos. Embrenhámo-nos no bosque. Depois de caminharmos uma boa milha, encontrámos marcas de sangue, cabelos louros, outros farrapos de tecido vermelho. Não tivemos tempo de fazer muitas perguntas mais porque, naquele instante, ouvimos um tiro em casa da Deborah Cooper... Corremos para lá: encontrámos a Sr.^a Cooper na cozinha, caída numa poça de sangue. Soubemos depois que acabara de telefonar para a central para avisar que a rapariga que vira pouco antes acabara de se refugiar em sua casa.

— A rapariga voltou para trás?

— Sim. Enquanto andávamos pela floresta, reapareceu, a sangrar, pedindo ajuda. Mas, quando chegámos, para além do cadáver da Sr.^a Cooper, não havia mais ninguém em casa. Uma verdadeira loucura.

— E a rapariga, era a Nola? — perguntei eu.

— Era. Identificámo-la rapidamente. Primeiro, quando o pai telefonou, um pouco mais tarde, para comunicar o seu desaparecimento. E depois ao verificarmos a descrição que fez a Deborah Cooper ao telefonar para a central.

— E, a seguir, o que se passou?

— Depois do segundo telefonema da Sr.^a Cooper, as unidades da região puseram-se a caminho. Ao chegar à orla da floresta de Side Creek, um adjunto do xerife viu um *Chevrolet Monte Carlo* preto que acelerava na direcção norte. Iniciámos uma perseguição, mas, apesar de todas as barreiras policiais, a viatura escapou-nos. Passámos as semanas

que se seguiram à procura de Nola: passámos a região a pente fino. Quem se ia lembrar de que ela estava em Goose Cove, em casa do Harry Quebert? Todos os indícios apontavam para que, provavelmente, estivesse algures na floresta. Organizámos batidas intermináveis. Nunca encontramos a viatura e nunca encontramos a rapariga. Se tivéssemos podido, teríamos revirado o Estado inteiro, mas tivemos de interromper as investigações três semanas mais tarde, com uma dor de alma, pois as grandes cabeças da polícia estadual decretaram que as investigações eram demasiado dispendiosas e os resultados demasiado incertos.

— Havia algum suspeito, na época?

Ele hesitou um instante. Depois disse-me:

— Nunca foi oficial, mas... suspeitávamos do Harry. Tínhamos as nossas razões. Ou seja: três meses depois de ele chegar a Aurora, desaparecia a Nola. Estranha coincidência, não? E, sobretudo, que viatura conduzia ele naquele tempo? Um *Chevrolet Monte Carlo* preto. Mas os indícios contra ele não eram suficientes. No fundo, o manuscrito é a prova que tentávamos descobrir há trinta e três anos.

— Não acredito, o Harry não. E depois, porque deixaria ele uma prova tão comprometedora junto do corpo? E porque haveria de mandar os jardineiros escavar precisamente no lugar onde enterrara o cadáver? Não faz sentido.

(...)

— Escreve um livro sobre o caso Harry Quebert.

— O quê? Não, está fora de questão, não vou relançar a minha carreira à custa do Harry.

— Porquê *à custa*? Disseste-me que querias defendê-lo. Prova a sua inocência e escreve um livro sobre tudo isso. Imaginas o sucesso que terá?

— Tudo isso em dez dias?

— Falei com o Barnaski, para o acalmar...

— O quê? Tu...

— Ouve-me, Marc, não te enerves. O Barnaski acha que se trata de uma oportunidade única! Diz que o Marcus Goldman a contar o caso Harry Quebert é coisa para atingir quantias de sete zeros! Poderia ser o livro do ano. Está pronto para renegociar o teu contrato. Propõe-te fazer tábua rasa: um novo contrato que anule o precedente, com um adiantamento de meio milhões de dólares. Sabes o que isto significa?

Queria dizer o seguinte: escrever este livro relançaria a minha carreira. Seria um *best-seller* garantido, um êxito seguro e, no final, uma montanha de dinheiro.

— Porque faria o Barnaski tal coisa por mim?

— Não o faz por ti, fá-lo por ele. Marc, não percebes que toda a gente fala deste caso? Um livro como este é o golpe do século!

— Não me parece que seja capaz. Já não sei escrever. Nem sequer sei se alguma vez soube. E investigar... É para isso que serve a polícia. Não sei como se investiga.

Douglas continuou a insistir:

— Marc, é a oportunidade da tua vida.

— Vou reflectir.

— Quando respondes assim, significa que não reflectirás nem um pouco.

Esta última frase fez-nos rir: ele conhecia-me bem.

— Doug... Um homem pode apaixonar-se por uma jovem de quinze anos?

— Não.

— Como podes estar tão certo?

— Não estou certo de nada.

— E o que é o amor?

— Marc, por favor, nada de conversas filosóficas, agora...

— Mas, Douglas, ele amava-a! O Harry apaixonou-se loucamente por aquela rapariga. Contou-me hoje, na prisão: estava na praia, em frente de casa, viu-a e apaixonou-se. Porquê ela e não outra?

— Não sei, Marc. Mas gostaria de saber o que te une tanto ao Quebert.

— *O Formidável*— respondi eu.

— Quem?

— *O Formidável*. Um jovem que não conseguia avançar na vida. Até encontrar o Harry. Foi o Harry que me ensinou a ser escritor. Foi ele que me ensinou a importância de saber cair.

— Que estás tu a contar, Marc? Bebeste? És escritor porque és dotado.

— Não, justamente. Não nascemos escritores, tornamo-nos escritores.

— Foi o que se passou em Burrows em 1998?

— Foi. Ele transmitiu-me todo o seu saber... Devo-lhe tudo.

— Queres falar-me do assunto?

— Se quiseres.

Naquela noite, contei a Douglas a história que me unia a Harry. Depois da conversa, desci até à praia. Precisava de apanhar ar. Através da escuridão, adivinhavam-se nuvens densas: a atmosfera estava carregada, ia eclodir uma tempestade. O vento levantou-se de repente: as árvores começaram a abanar furiosamente, como se o próprio mundo anunciasse o fim do grande Harry Quebert.

Só voltei a casa muito mais tarde. Ao chegar à porta da entrada principal, vi a mensagem que uma mão anónima ali deixara na minha ausência. Um envelope muito simples, sem qualquer indicação, no interior do qual descobri uma frase escrita a computador e que dizia:

Volta para casa, Goldman.



